

# Estereótipos e preconceitos étnico-raciais no currículo escolar

Este texto discute as questões de estereótipos e preconceitos étnico-raciais no contexto escolar, principalmente no que tange a materiais didáticos e livros de literatura. Durante a leitura, busque na memória imagens e palavras do livro adotado para a sua turma este ano e pense nas mensagens que elas veiculam.

Nossa sabedoria popular diz que “quem cala consente”. E sabemos que – ressalva feita ao silêncio produzido pelo medo de represália e às formas silenciosas de resistência – muitas vezes é assim: o silêncio omissivo garante que desigualdades se perpetuem. Ao

**Nós nos deparamos com formas explícitas de inferiorização de negros/as e de indígenas, e de supervalorização de brancos/as no currículo escolar como um todo e nos livros didáticos e paradidáticos em particular**

se falar de preconceitos étnico-raciais no currículo escolar, nem tudo é silêncio. Nós nos deparamos com formas explícitas de inferiorização de negros/as e de indígenas, e de supervalorização de brancos/as no currículo escolar como um todo e nos livros didáticos e paradidáticos em particular – objeto de estudo de várias pesquisadoras, como F. Rosemberg,<sup>1</sup> Ana Célia Silva,<sup>2</sup> Eliane Cavalleiro,<sup>3</sup> Francisca Maria do Nascimento Sousa,<sup>4</sup> Heloísa Pires Lima,<sup>5</sup> Andréa Lisboa de Sousa<sup>6</sup> e Maria Elisa Ladeira,<sup>7</sup> para citar algumas.

Observando as relações escolares, o prédio da escola, a distribuição das/os estudantes nas salas de aula, os livros didáticos e paradidáticos, os discursos etc., identificam-se imagens, palavras, conceitos e atitudes que estigmatizam negros/as e indígenas. Embora reconhecendo as mudanças que vêm ocorrendo, especialmente no campo editorial,

<sup>1</sup> ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

<sup>2</sup> SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA/CEAO, 1995. Também da autora: *Desconstruindo o racismo no livro didático*. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2001.

<sup>3</sup> CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar, ao silêncio da escola. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

<sup>4</sup> SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. *Influência da escola no processo de construção da auto-estima de alunas/os negros*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2001.

<sup>5</sup> LIMA, Heloísa Pires. "Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil". In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD/MEC, 2005. Pp.101-116.

<sup>6</sup> SOUSA, Andréa Lisboa. "A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira". In: Coleção Educação para Todos. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003*. SECAD/MEC, 2005.

<sup>7</sup> Considerações feitas por Maria Elisa Ladeira para a elaboração dos critérios de avaliação do Prêmio Educar para a Igualdade Racial, do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT. Para saber mais, consulte [www.ceert.org.br](http://www.ceert.org.br).

gostaríamos de destacar alguns destes estigmas que ainda contaminam o currículo:

### Nos materiais didáticos

- *Invisibilidade de negros/as e indígenas ou apresentados como minoria:* não aparecem nos cartazes expostos nos painéis da escola, nem nas ilustrações dos livros didáticos e paradidáticos. Fora raras exceções, não há negros/as protagonistas. Quando aparecem em multidões, há um/a negro/a e um indígena, dando a equivocada imagem de minoria.
- *Omissão da identidade racial de personalidades históricas:* aqueles que se destacam são vistos como “negros/as de alma (e corpo) brancos/as”, os ilustradores tratam de clareá-los.
- *Negros sem identidade, sem nome, sem família:* personagens negras da literatura infantil são denominados por apelidos e estão sempre cuidando da família dos outros.
- *Associação de negros/as ao trabalho braçal e a posições subservientes:* especialmente as mulheres negras, que ilustram textos sobre cozinheiras, babás, faxineiras, domésticas em geral, até mesmo quando estes textos não fazem referência à sua cor/raça. Na maioria das vezes, essas personagens, quando têm fala, adotam posturas de auto-rejeição.
- *Personagens femininas negras como objeto de desejo sexual:* particularmente na literatura adulta, as mulheres negras aparecem como sedutoras, feiticeiras, donas de corpos esculturais, de beleza e graça “mundanas”, em contraposição à dignidade familiar e caseira da mulher branca.
- Nos últimos tempos, houve uma modernização de gênero, o que permitiu tratar o homem negro de forma semelhante à atribuída à mulher negra, mas ainda refletindo o mesmo preconceito, que permite caracterizar o homem pela desproporção física e por uma sensualidade selvagem.
- *Estigmatização de papéis sociais específicos:* negros e negras como cantores, jogadores de futebol, sambistas ou atividades do gênero.



Chiquinha Gonzaga



Ronaldinho

- *Traços brutalizados, animalizados, coisificados*: especialmente nas ilustrações da literatura infantil e juvenil, negros/as aparecem assemelhados a macacos, porcos e bonecas de pano.
- *Negros/as como sinônimo de escravo/a*: aparecem apenas no capítulo do livro de história destinado à escravidão e mais recentemente nas páginas sobre datas comemorativas, como o Dia 20 de novembro, Zumbi e o Quilombo dos Palmares.
- *Negros/as associados à violência e a mazelas sociais*: protagonizam situações de roubos, alertas contra epidemias etc.

### Nas atitudes

- *Piadas racistas e apelidos são tratados como "brincadeiras", "carinho" ou problemas existentes fora da escola.*
- *Conflitos étnico-raciais são localizados como problemas entre estudantes*: atribui-se exclusivamente à família ou à mídia a responsabilidade pelos preconceitos e pelas discriminações ocorridas no espaço escolar e nega-se qualquer racialização nas relações entre educadores e demais funcionários.
- *Vocabulário racista usado indiscriminadamente.*
- *Responsabilizam negros/as e indígenas pela própria discriminação*: explicam as discriminações fazendo referência, por exemplo, ao jeito de vestir e de falar de negros/as e indígenas, maneiras distantes do ideal branco de beleza e civilidade.
- *Associação de negros/as e indígenas à falta de higiene*: merecem destaque os cabelos das meninas e adolescentes negras; adjetivados de "pixaim" e "ruim" quando não são alisados, devem sempre estar presos, para evitar piolho. O mesmo não se "exige" dos cabelos lisos.
- *Não se realiza a crítica necessária das obras* que, apesar do seu "valor literário", são marcadas por linguagem e idéias preconceituosas e estigmatizantes.
- *Naturalização das desigualdades étnico-raciais*: justifica-se a desigualdade étnico-racial em função do período da escravidão, sem se considerar que esta desigualdade é reinventada cotidianamente. Atribui-se a herança da escravidão apenas aos negros e aos indígenas, como se os brancos não tivessem o que herdar desse processo.

### Em relação aos indígenas especificamente

- *Indígenas como peças de museu*: falam dos povos indígenas sempre no tempo passado.

- *Apresentam todos os povos indígenas como se fossem iguais: sob a nomenclatura "índios" desvaloriza-se e simplifica-se a diversidade entre as nações indígenas do país.*
  - *Os povos indígenas aparecem como ingênuos e atrasados: na literatura e no imaginário, os indígenas emergem como a "infância da humanidade", a "civilização ontem", como se estivessem parados no tempo.*
  - *Como corolário dessas imagens, quando os indígenas surgem nos contextos urbano, universitário ou político apresentando demandas articuladas, são acusados de não serem mais índios, por terem perdido sua imagem selvagem e incapaz de falar autonomamente.*
- A incompreensão sobre o modo diferenciado com que esses povos usam seu território ancestral e tradicional também permite acusá-los de quererem terra demais, de serem perigosos à nação e objeto de manipulação de terceiros.



Como várias vezes já refletimos neste curso, há sem dúvida um novo cenário. Este curso é o resultado dele. Não é mais possível delegar ao/à educador/a negro/a militante ou ao/à professor/a de história, considerados "aqueles que sabem destas coisas", a tarefa de alterar a realidade educacional em relação à temática racial-étnica. Muito menos podemos esperar o dia em que todos estarão "bem" preparados para começar a tratar de tema "tão delicado", como afirmam alguns educadores. O fato é que este é o momento! Já estamos atrasados, mas em tempo!

**Indicação matéria veiculada na mídia:** <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=1526> - Entenda o que está acontecendo na Terra Indígena Raposa-Serra do Sol, em Roraima

**Indicação de livro:** SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI Luís Donisete Benzi (orgs). *A temática indígena na escola. Subsídios para professores de 1º e 2º graus.* Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.